

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Estenografia Braille
Para a Língua Portuguesa

Brasília, 2006

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Especial
Esplanada dos Ministérios, Bloco L
6º andar, Sala 600
70047-901 - Brasília - DF
Telefone: (61) 2104-8651 / 2104-8642
Fax: (61) 2104-9265
E-mail: seesp@mec.gov.br

1ª Edição, 2006

Tiragem: 1000 unidades

ISBN: 978-85-60331-05-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial.
Estenografia Braille para a Língua Portuguesa / elaboração :
Cerqueira, Jonir Bechara... [et al.]. Secretaria de Educação
Especial. Brasília: SEESP, 2006.
69p.

1. Educação Especial. 2. Sistema Braille. 3. Estenografia
Braille. 4. Língua Portuguesa. I. Título.

CDU 376.352

FICHA TÉCNICA

Secretária de Educação Especial

Claudia Pereira Dutra

Diretora do Departamento de Políticas da Educação Especial

Claudia Maffini Griboski

Coordenadora Geral de Desenvolvimento da Educação Especial

Kátia Aparecida Marangon Barbosa

Elaboração

Jonir Bechara Cerqueira

Maria Gloria Batista da Mota

Regina Fátima Caldeira de Oliveira

Colaboração

Cecília Maria Oka

Fernanda Christina dos Santos

Iracema Vilaronga Rodrigues

José Carlos Rodrigues

Maria da Glória de Souza Almeida

Olga Itocazo

Patrícia Neves Raposo

Comissão de Braille de Portugal

Revisão

Fernanda Christina dos Santos

Maria Gloria Batista da Mota

Martha Marilene de Freitas Souza

Regina Fátima Caldeira de Oliveira



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO –	7
PREFÁCIO –	9
INTRODUÇÃO –	17
PREÂMBULO –	19
I – ABREVIATURAS –	21
1. ABREVIATURAS POR REPRESENTAÇÃO INICIAL SILÁBICA –	21
1.1. Abreviatura por representação inicial silábica total –	21
1.1.1. <i>Sinais Simples</i> –	21
1.1.2. <i>Sinais Duplos</i> –	22
1.1.3. <i>Sinais Triplos</i> –	23
1.1.4. <i>Sinais Quádruplos</i> –	24
1.2. Abreviaturas por representação inicial silábica parcial –	24
1.2.1. <i>Sinais Duplos</i> –	25
1.2.2. <i>Sinais Triplos</i> –	25
1.2.3. <i>Sinais Quádruplos</i> –	26
2. ABREVIATURAS POR CONTRAÇÃO –	26
2.1. Abreviaturas por contração apoiada –	26
2.2. Abreviaturas por contração pura –	27
2.3. Abreviaturas por contração de emergência –	27
3. ABREVIATURAS POR SUSPENSÃO –	28
4. ABREVIATURAS POR CONVENÇÃO RELATIVA –	28
II – ESTENOGRAFIA –	29
1. SINAIS SIMPLES –	29
1.1. Consonânticos –	29
1.2. Vocálicos –	30
1.3. Mistos –	30
1.3.1. <i>De natureza consonântica</i> –	30
1.3.2. <i>De natureza vocálica</i> –	31
2. SINAIS COMPOSTOS –	32
2.1. De raiz consonântica –	32
2.2. De raiz vocálica –	34

III – ABREVIATURAS ESTENOGRAFADAS –	36
1. ABREVIATURAS ESTENOGRAFADAS –	36
1.1. Abreviaturas por representação inicial silábica total –	36
1.1.1. <i>Sinais Duplos</i> –	36
1.1.2. <i>Sinais Triplos</i> –	36
1.2. Abreviaturas por representação inicial silábica parcial –	37
1.2.1. <i>Sinais Duplos</i> –	37
1.2.2. <i>Sinais Triplos</i> –	37
2. ABREVIATURAS POR CONTRAÇÃO	37
2.1. Abreviaturas por Contração Apoiada –	37
2.2. Abreviaturas por Contração Pura –	37
 OBSERVAÇÕES GERAIS E NORMAS DE APLICAÇÃO –	 38
 Quadros Auxiliares da Escrita (ordem alfabética) –	 46
 I – Abreviaturas –	 46
 II – Estenografia –	 55
1. Sinais Simples –	55
2. Sinais Compostos –	56
 Quadros Auxiliares da Leitura (ordem braille) –	 58
 I – Abreviaturas –	 58
 II – Estenografia –	 66
1. Sinais Simples –	66
2. Sinais Compostos –	67
 Bibliografia –	 69

APRESENTAÇÃO

O Sistema Braille, introduzido no Brasil em 1850, foi o chamado “Braille Francês”, ou seja, o que fora estruturado por Louis Braille em sua versão definitiva de 1837, para aplicação do “Braille Integral” na Literatura, na Aritmética, na Geometria e nas notações da Música.

Toda essa simbologia foi adotada, sem qualquer alteração, até o início dos anos quarenta do século passado. Com o propósito de aumentar a eficiência na comunicação literal, ou seja, na escrita e leitura de textos, o Sistema Braille foi adaptado, convencionalmente, para uso de símbolos abreviativos de palavras em diferentes idiomas.

Na Língua Portuguesa, o uso da abreviatura braille ou do braille estenográfico foi praticado em várias ocasiões no Brasil. Os adeptos desse recurso o consideram valioso, pois possibilita maior rapidez na escrita, com economia de tempo e de material, além de contribuir para maior fluência na leitura.

A utilização da estenografia braille no Brasil registrou diferentes momentos na sua historicidade, que culminou com a elaboração da presente publicação, que padroniza o uso da abreviatura na comunicação pessoal das pessoas cegas.

Esperamos por meio da publicação *Estenografia Braille para a Língua Portuguesa* estar contribuindo com os sistemas de ensino e com as pessoas cegas brasileiras, que poderão contar com mais uma alternativa de uso do Sistema Braille.

Claudia Pereira Dutra
Secretária de Educação Especial - MEC



PREFÁCIO

Após a invenção de seu sistema de leitura e escrita, em 1825, Louis Braille expôs as bases de sua obra em duas publicações editadas, respectivamente, em 1829 e 1837, nas quais já estavam incluídos elementos de abreviaturas ortográficas baseadas na “Sonografia” de Charles Barbier.

Posteriormente, um de seus discípulos, Victor Ballu, em 1850, produziu um sistema fonográfico de estenografia.

Em 1870, os Irmãos de Saint-Gabriel elaboraram uma codificação sonográfica de abreviaturas, de fácil memorização, para imprimir textos escolares destinados a seus alunos de Saint-Médard-lès-Soissons.

No Congresso Universal de Paris, em 1878, foi finalmente admitida a prevalência do braille francês sobre o dos demais países representados. Reconheceu-se, então, a necessidade de se criar uma abreviatura unificada com bases estritamente ortográficas.

Maurice de la Sizeranne, em 1882, publicou a versão de uma abreviatura ortográfica francesa, que suplantou a anterior. Esta nova abreviatura apresentava combinações de letras em palavras e, também, símbolos representativos de palavras inteiras. A Abreviatura Ortográfica Francesa (A.O.F.) tornou-se em breve a única, empregada na França e nos países de língua francesa, que a utilizam até hoje.

No Brasil, o Sistema Braille foi introduzido em 1850 por José Álvares de Azevedo e oficialmente adotado a partir de 1854 com a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, hoje, Instituto Benjamin Constant (IBC).

Em Portugal, o Braille foi adaptado em 1880 e o primeiro sistema de abreviaturas introduzido em 1905.

Ainda no século XIX, alunos e professores do Imperial Instituto dos Meninos Cegos começaram a se preocupar com a codificação do Braille em um sistema de abreviaturas que lhes facilitasse a produção de textos.

A partir de 1920, no Instituto Benjamin Constant, professores cegos que tinham criado símbolos abreviativos braille para uso particular ensinavam-nos a seus alunos, como meio de facilitar a escrita e a leitura. Somente em 1942 surgiu um código de abreviaturas realmente estruturado, de autoria do professor do IBC, José Espínola Veiga. Este código foi regulamentado quando entrou em vigor no país a Portaria Ministerial nº. 552, de 13/11/1945, que disciplinava o uso do Braille, denominando-o “Braille Oficial para a Língua Portuguesa”. Continha 226 abreviaturas, sendo que mais da metade delas diferenciava-se radicalmente das utilizadas em Portugal.

O segundo centro de produção de textos em braille, a Fundação para o Livro do Cego no Brasil (hoje, Fundação Dorina Nowill para Cegos), fundado em 1946, introduziu gradativamente em sua revista *Relevo* as abreviaturas que vinham sendo usadas em Portugal.

Até então, os sistemas de abreviaturas não obedeciam a nenhuma coordenação universal; criavam-se codificações que diferiam de país para país, conforme as necessidades de cada língua ou dialeto.

A UNESCO, reconhecendo a importância do Braille para os cegos de todo o mundo, e considerando o fato de que a unificação do Sistema Braille em determinadas áreas lingüísticas possibilitaria maior intercâmbio literário e desenvolvimento das técnicas e equipamentos para o uso dos deficientes visuais, iniciou, a partir do dia 1º de julho de 1949, uma série de conferências sobre o “Sistema Braille no Mundo”, coordenadas por Sir Clutha Mackenzie e encerradas em 31 de dezembro de 1951.

Assim, a UNESCO, convocando especialistas em Braille de diversas zonas lingüísticas, especialistas na educação de cegos e dirigentes de imprensas braille, realizou, em 1950, uma conferência internacional sobre a unificação do Braille, celebrada em Paris e na qual ficou estabelecida, entre outras, a seguinte recomendação:

“Recomenda-se insistentemente a realização de consultas entre brailistas das diferentes partes do mundo que possuam o mesmo idioma para formular e adotar um sistema uniforme de braille abreviado para cada língua e que, com o mesmo objetivo, se faça um

intercâmbio de opiniões entre braillistas que possuam idiomas do mesmo grupo lingüístico. A este respeito, a Conferência assinala especialmente o problema delimitado pelas divergências dos sistemas abreviados adotados nas regiões de língua espanhola e portuguesa, e recomenda-se encarecidamente que se tomem medidas para fazer desaparecer estas divergências, a fim de obter uma maior economia de produção e um maior intercâmbio literário. A Conferência recomenda que cada futuro Sistema Braille abreviado tenha em conta tanto as necessidades dos usuários de instrução relativamente limitada, como daqueles que tenham perdido a visão com idade adulta, conservando dentro dos limites razoáveis o número de abreviaturas. Ao mesmo tempo, não deverá deixar de levar-se em conta a economia de espaço”.

Dando continuidade a seus trabalhos, a UNESCO realizou de 26 de novembro a 1º de dezembro de 1951, em Montevideu, a Conferência Regional para Uniformização do Sistema Braille Abreviado para os Povos de Língua Castelhana e Portuguesa. Nesta Conferência, que contou com a presença do prof. José Ferreira de Albuquerque e Castro (Portugal), da prof.^a Dorina de Gouvêa Nowill e do Dr. Hermínio Brito Conde (Brasil), estabeleceu-se o Código de Abreviaturas Braille Grau 2 para a Língua Portuguesa, baseado no Prontuário Estenográfico do prof. José Ferreira de Albuquerque e Castro. Este prontuário compreendia dois graus de abreviaturas: Braille Grau 2 e Braille Superior ou Terceiro Grau, contendo este último um grande número de palavras estenografadas.

Os resultados alcançados na Conferência de Montevideu não foram suficientes para que as duas imprensas braille brasileiras adotassem um código unificado de abreviaturas.

Em 4 de dezembro de 1962 foi sancionada a Lei nº. 4.169, que “Oficializa as Convenções Braille para Uso na Escrita e Leitura dos Cegos e o Código de Contrações e Abreviaturas Braille”, revogando-se automaticamente a Portaria nº. 552, até então em vigor. Os termos desta lei não mereceram plena aceitação entre os educadores de cegos e as imprensas braille do país, caindo em desuso.

Posteriormente, comissões criadas pela Campanha Nacional de Educação de Cegos do Ministério da Educação, Fundação para o Livro do Cego no Brasil e Instituto Benjamin Constant, analisando todos os pontos divergentes da Lei nº. 4.169, chegaram à conclusão de que um novo código deveria ser estabelecido para uso do Sistema Braille no Brasil, principalmente na parte concernente à Estenografia Braille.

Em 5 de janeiro de 1963 foi firmado um convênio luso-brasileiro que previa a unificação dos códigos de abreviaturas usados no Brasil e em Portugal, efetivada a partir de 1966.

A Campanha Nacional de Educação de Cegos promoveu, em junho de 1969, o I Seminário sobre o Uso do Sistema Braille. O relatório final deste seminário recomendou, com base no convênio luso-brasileiro, a implantação e adoção, em caráter experimental, do Código de Abreviaturas Braille Grau 2 da Língua Portuguesa no ensino de deficientes visuais, com graduação progressiva.

Atendendo a essa recomendação, e também com o objetivo de divulgar o Sistema Braille Grau 2 da Língua Portuguesa entre os educadores e técnicos militantes na educação de deficientes visuais e intensificar o seu uso entre os estudantes, a Campanha Nacional de Educação de Cegos reuniu, nos dias 16, 17 e 18 de setembro de 1970, professores representantes do Instituto Benjamin Constant e da Fundação para o Livro do Cego no Brasil para mais uma revisão do Código de Abreviaturas, nos termos do Acordo Luso-Brasileiro de 05/01/1963.

Realizado de 3 a 10 de novembro de 1972, com o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura e da Campanha Nacional de Educação de Cegos, o I Seminário Ibero-Americano de Comunicação e Mobilidade (Semicom) propôs a adoção das modificações necessárias para o uso de abreviaturas, de acordo com a nova ortografia da Língua Portuguesa no Brasil (Lei nº. 5.765, de 18/12/1971).

A partir das sugestões apresentadas no Semicom, foi elaborado, em setembro de 1973, um novo Sistema Braille Grau 2, que correspondia à fusão do antigo Braille Grau 2 e do Braille Grau 3, com algumas modificações e dividido em sete tabelas.

A aprendizagem desse código deveria iniciar-se na primeira série do Ensino Fundamental, com a tabela 1 1/7, concluindo-se na sétima série com a tabela 1 7/7. Essa abreviatura estava calcada, basicamente, no Prontuário Estenográfico do prof. Albuquerque e Castro.

Após prolongados estudos e várias reuniões realizadas durante a Conferência Ibero-Americana para a Unificação do Sistema Braille, promovida em novembro de 1973, em Buenos Aires (Argentina), e, posteriormente, na reunião realizada em São Paulo, em agosto de 1974, a comissão encarregada decidiu integrar ao Prontuário parte do trabalho apresentado pelo Sr. Walter Boschiglia, representante do Instituto Benjamin Constant, e submeter outros tópicos a especialistas do Brasil e de Portugal.

A partir de então, o assunto passou a ser objeto de freqüentes reuniões entre técnicos do IBC e da então Fundação para o Livro do Cego no Brasil.

Em 1977, durante o I Congresso Latino-Americano do Conselho Mundial para o Bem-Estar dos Cegos, realizado no Brasil, o prof. Edison Ribeiro Lemos apresentou o trabalho “Graduação do Ensino da Abreviatura Braille da Língua Portuguesa no Ensino de 1º Grau”, no qual, após relatar científica e objetivamente a situação do ensino/aprendizagem da abreviatura no país, apontava uma série de razões para a revisão da graduação progressiva.

Esse trabalho contribuiu bastante para a elaboração, em 1979, do Sistema Braille Grau 2 Simplificado da Língua Portuguesa, um trabalho desenvolvido pelo Centro Nacional de Educação Especial – MEC, Instituto Benjamin Constant e Fundação para o Livro do Cego no Brasil.

O Sistema Simplificado contava com 129 abreviaturas e 217 significados e passou a ser usado pelas imprensas braille do IBC e da Fundação na produção de livros e revistas, em lugar das tabelas gradativas que vinham sendo adotadas desde 1974.

O II Seminário Brasileiro sobre o Uso do Sistema Braille, realizado em São Paulo, em 1987, e que contou com a participação de profissionais especializados e usuários do sistema, reforçou a necessidade de criação de uma comissão permanente para tratar dos assuntos relacionados ao Braille.

Enquanto eram realizadas novas gestões visando a criação dessa comissão, o Fundo de Cooperação Econômica ONCE/ULAC patrocinou os trabalhos da Comissão para Estudo e Atualização do Sistema Braille em Uso no Brasil, que funcionou de 1991 a 1994.

Dividida em quatro subcomissões (Braille Integral e Abreviado, Braille Científico, Braille Musicográfico e Braille na Informática), a comissão contou com a coordenação geral do prof. Edison Ribeiro Lemos.

Depois de realizar uma pesquisa, em âmbito nacional, entre os leitores cadastrados na Fundação para o Livro do Cego no Brasil, que revelou que a maioria desses leitores preferia ler textos por extenso, a Subcomissão de Braille Integral e Abreviado recomendou, em seu relatório final, apresentado no dia 18 de maio de 1994, que fosse abolido, a partir de 1º de janeiro de 1996, o uso de abreviaturas na transcrição de textos pelos centros de produção e imprensas braille de todo o país. Recomendou, ainda, a elaboração de um código que pudesse ser utilizado pelas pessoas cegas nas suas anotações pessoais.

Durante quase duas décadas houve um afastamento entre os técnicos brasileiros e portugueses, o que levou a grandes divergências entre os códigos braille utilizados nos dois países.

Em 1993, a Comissão de Braille, de Portugal, publicou a *Estenografia Braille da Língua Portuguesa*, contendo 163 abreviaturas, com 221 significados.

A partir de 1994, começaram a ser retomados os contatos entre Brasil e Portugal graças aos esforços da União Brasileira de Cegos (UBC).

A criação da Comissão Brasileira do Braille (CBB) pelo Ministério da Educação, em 1999, permitiu que esses contatos passassem a ter um caráter oficial, culminando, em 25 de maio de 2000, com a assinatura do Protocolo de Colaboração Brasil/Portugal nas Áreas de Uso e Modalidades de Aplicação do Sistema Braille.

O trabalho conjunto das comissões de Braille do Brasil e de Portugal resultou na publicação da *Grafia Braille para a Língua Portuguesa* (2002) e da *Grafia Braille para a Informática* (2005), que têm sido de grande utilidade para profissionais e usuários do Sistema Braille dos dois países e também de outros países de Língua Oficial Portuguesa.

Depois de um amplo e criterioso estudo, os técnicos da CBB optaram por adotar, com alguns acréscimos, a *Estenografia Braille da Língua Portuguesa*, publicada em Portugal em 1993, para que as pessoas cegas possam utilizá-la na sua comunicação pessoal.

Ao concluir este trabalho, queremos registrar o nosso profundo agradecimento a algumas pessoas que dedicaram grande parte de suas vidas ao estudo, à elaboração e à divulgação de outros códigos estenográficos que muito têm contribuído para a independência das pessoas cegas. A *Estenografia Braille para a Língua Portuguesa* só foi possível graças aos seguintes profissionais cegos:

Sir Clutha Nantes Mackenzie (1895-1966) – Assessor da UNESCO para Estudo e Unificação do Sistema Braille e, posteriormente, Presidente do Conselho Mundial de Braille.

Dorina de Gouvêa Nowill (1919) – Presidente Emérita e Vitalícia da Fundação Dorina Nowill para Cegos, ex-Presidente do Conselho Mundial para o Bem-Estar dos Cegos.

Professor Edison Ribeiro Lemos (1928-2004) – Membro da Comissão Brasileira do Braille.

José Espínola Veiga (1906-1998) – Professor do IBC.

Professor José Ferreira de Albuquerque e Castro (1903-1967) – Emérito professor português.

Walter Boschiglia (1919-2002) – Chefe da Imprensa Braille do IBC.

Comissão Brasileira do Braille – maio de 2006



INTRODUÇÃO

A Estenografia Braille para a Língua Portuguesa foi elaborada com base na *Grafia Braille da Língua Portuguesa – Primeiro Grau*, publicada pela Comissão de Braille, de Portugal, em 1993.

Para a elaboração desse trabalho, os especialistas portugueses recolheram mais de cem mil palavras impressas – distribuídas por diferentes matérias –, que, articuladas com o Português Fundamental, elaborado com base na linguagem falada, levaram à seleção de 163 abreviaturas já constantes do sistema estenográfico em vigor naquele país, tendo sido considerados conjugadamente alguns requisitos estabelecidos previamente, em obediência aos seguintes critérios amplamente debatidos:

- Alta frequência
- Economia de espaço
- Sugestividade
- Estabilidade do sistema
- Respeito pelo acervo bibliográfico existente.

Assim, não foram consideradas convenientes aquelas abreviaturas que não tinham qualquer conexão com as palavras que representavam, nem admitidos mecanismos dinâmicos através de prefixos e sufixos. Do mesmo modo, não foi admitido mais de um significado para cada significante, nem adotados sinais inferiores isolados, em respeito às dificuldades táteis de muitos leitores.

A Estenografia Braille para a Língua Portuguesa está dividida em três partes:

I – Abreviaturas –, no qual são apresentados 151 sinais representativos de palavras, de acordo com a nomenclatura adotada, e dispostos, em cada subdivisão, de acordo com a “ordem braille”.

II – Estenografia –, que compreende 30 sinais simples representativos de grupos de letras de uma mesma sílaba, respeitadas as regras da ortografia da Língua Portuguesa, e 28 sinais compostos representativos de terminações muito frequentes, acompanhados de muitos exemplos de aplicação, estando a sua apresentação subordinada a critérios de natureza pedagógica.

III – Abreviaturas Estenografadas –, onde foram agrupadas as restantes 27 abreviaturas que já integram sinais estenográficos simples.

Considerando algumas peculiaridades do Português usado no Brasil, a Comissão Brasileira do Braille acrescentou 15 abreviaturas ao trabalho original da Comissão de Braille, de Portugal.

Após estes três capítulos, encontra-se um item denominado Observações Gerais e Normas de Aplicação, onde estão definidas algumas regras simples, ilustradas com exemplos, acompanhados de algumas orientações.

O leitor dispõe ainda de quadros de consulta: Quadros Auxiliares da Escrita (apresentados em ordem alfabética), e Quadros Auxiliares da Leitura (apresentados em ordem braille). Esperamos que esses quadros o ajudem a resolver as dúvidas surgidas em ambas as situações.

PREÂMBULO

Sistema Braille Grau 1 é a representação por extenso, isto é, aquela em que todos os sinais têm exatamente os mesmos valores atribuídos no Alfabeto Braille.

Sistema Braille Grau 2 é a representação em que certos sinais braille adquirem determinados valores abreviativos, segundo critérios e normas estabelecidos.

A *Estenografia Braille para a Língua Portuguesa* comporta duas grandes estruturas: a das **abreviaturas** e a da **estenografia** propriamente dita.

As **abreviaturas** são **sinais representativos de palavras**, com vida autônoma, que podem, no entanto, ligar-se por hífen a outras palavras abreviadas.

A **estenografia** é o conjunto de **sinais representativos de grupos de letras** integrantes de palavras não abreviadas.



I – Abreviaturas

Abreviaturas são símbolos que, isoladamente ou em conjunto, representam palavras.

As abreviaturas podem ser classificadas, em função da sua estrutura, do seguinte modo:













1. Abreviaturas por representação inicial silábica (que podem ainda ser agrupadas segundo o número de sinais que as constituem) – quando são formadas pelas **letras iniciais das sílabas** da palavra que representam.

1.1. Abreviaturas por representação inicial silábica total – quando **todas as sílabas** da palavra estão representadas.

1.1.1. Sinais Simples – expressos por um só sinal:

⠠	⠠⠠⠠	bem
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	com
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠	de
⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	fim
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠	já
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠	me
⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	não
⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	por
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	que
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠	se
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠	te
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠	um

1.1.2. Sinais Duplos – formados por dois sinais:

		algun
		cada
		cego
		como
		corpo
		caso
		desde
		depois
		fácil
		forma
		fato
		hoje
		homem
		isto
		jamais
		jovem
		lado
		longo
		modo
		menos
		muito
		nunca
		nada
		numa
		nenhum
		nosso
		novo

⠠	⠠⠠⠠⠠	ordem
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	ontem
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	pouco
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	pelo
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	papel
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	porque
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	para
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	ponto
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	quando
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	qualquer
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	quase
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	quanto
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	razão
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	sempre
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	também
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	todo
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	tempo
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	tanto
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	talvez
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	ocê
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	valor
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	visto

1.1.3. Sinais Triplos – constituídos por três sinais:

⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	apenas
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	durante

⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋	formação
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	governo
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋	menino
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	menor
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋	objeto
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	pequeno
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋	português
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	portanto
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	respeito
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	século
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋	seguinte
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	sujeito
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	sistema
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	vantagem
⠠⠋⠠⠊⠠⠋	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	último

1.1.4. Sinais Quádruplos – quando são formados por quatro sinais:

⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	diferente
⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	movimento
⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	objetivo
⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊⠠⠋⠠⠊	pensamento

1.2. Abreviaturas por representação inicial silábica **parcial** – quando **nem todas as sílabas** da palavra estão representadas na abreviatura.

1.2.1 Sinais Duplos – formados por dois sinais:

		difícil
		desejo
		diverso
		espécie
		efeito
		idéia
		imediatamente
		juízo
		número
		opinião
		posição
		segundo
		sobretudo
		verdade

1.2.2. Sinais Triplos – constituídos por três sinais:

			dificuldade
			diferença
			evidência
			imediatamente
			metéria
			necessidade
			necessário
			natureza
			possibilidade

⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	quantidade
⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	realidade
⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	todavia
⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	verdadeiro

1.2.3. Sinais Quádruplos – quando formados por quatro sinais:

⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	atividade
⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	necessariamente
⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	observação
⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	realização

2. Abreviaturas por **contração** – aquelas que contêm geralmente a **primeira** e a **última** letra da palavra representada.

2.1. Abreviaturas por contração **apoiada** – quando têm o apoio de letras intermediárias. Excetua-se eclm (especialmente) que é um derivado de ecl (especial):

⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	aquele
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	especial
⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	especialmente
⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	fundamental
⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	material
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	natural
⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	Portugal
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	possível
⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	sentido

2.2. Abreviaturas por contração **pura** – quando apenas estão presentes a **primeira** e a **última** letra da palavra representada:

⠠⠁⠎⠁⠎	⠠⠁⠎⠁⠎⠏	amanhã
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	base
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	coisa
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	campo
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	capaz
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	este
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	fora
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	lugar
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	melhor
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	onde
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	palavra
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	parte
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	porém
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	qual
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	quem
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	quer
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	sua
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	senhor
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	tudo
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	vida
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	vez

2.3. Abreviaturas por contração **de emergência** – quando se recorre à **penúltima** letra da palavra por impossibilidade de utilizar a última:

⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	além
⠠⠁⠎	⠠⠁⠎⠏	aliás

3. Abreviaturas por **suspensão** – quando formadas pela **primeira** e **segunda** letras da **primeira sílaba** da palavra:

⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	apesar
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	Brasil
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	força

4. Abreviaturas por **convenção relativa** – são **sinais simples representativos de palavras** nas quais não ocupam posição inicial:

⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	agora
⠠	⠠⠠⠠	ele
⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	maior

II – Estenografia

A **estenografia** é o conjunto de **sinais representativos de grupos de letras** integrantes de palavras não abreviadas. Estes sinais apresentam-se em dois grupos bem distintos:

1. Sinais Simples – ocupam só uma cela braille e representam **grupos de letras de uma mesma sílaba**. Excetua-se o sinal (::) que, representando o grupo de letras **ante**, abrange duas sílabas.

Conforme a sua representação, denominam-se:

1.1. Consonânticos – quando representam **duas consoantes**. Só se usam antes de vogal ou de sinal estenográfico representativo de grupo de letras iniciado por vogal.

As tabelas a seguir apresentam os seguintes itens: sinais, grupo de letras e exemplos de aplicação:

a) Usados no princípio e no meio da palavra

⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	braço	⠠⠠⠠⠠	lebre
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	fruta	⠠⠠⠠⠠	cofre
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	grilo	⠠⠠⠠⠠	magro
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	placa	⠠⠠⠠⠠	duplo
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	preço	⠠⠠⠠⠠	sopro
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	truta	⠠⠠⠠⠠	metro

b) Usados apenas no meio da palavra

⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	milho	⠠⠠⠠⠠	hulha
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	lenha	⠠⠠⠠⠠	punho

1.2. Vocálicos – quando representam **duas vogais**.

a) Usado em qualquer parte da palavra

ouriço louça
puxou

b) Usados no meio e no fim da palavra

cãozito balão
neura judeu

1.3. Mistos – quando representam grupos de letras que integram **vogais e consoantes**. Conforme as letras que representam, dizem-se:

1.3.1. De natureza consonântica – se o grupo de letras representado principia por **consoante**.

a) Usados no princípio e no meio da palavra

quieto
oblíquo
contato
acontece

b) Usado apenas no princípio da palavra

reta reino

1.3.2. De natureza vocálica – se o grupo de letras representado começa por **vogal**.

a) Usados em qualquer parte da palavra

⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	asno	⠠⠠⠠⠠	pasta
		⠠⠠⠠⠠	meias		
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	esse	⠠⠠⠠⠠	oeste
		⠠⠠⠠⠠	vozes		
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	isca	⠠⠠⠠⠠	disco
		⠠⠠⠠⠠	azuis		
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	oscila	⠠⠠⠠⠠	mosca
		⠠⠠⠠	fios		
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	alvo	⠠⠠⠠⠠	palmo
		⠠⠠⠠⠠	anual		
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	empate	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	tempero
		⠠⠠⠠⠠	metem		
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	impede	⠠⠠⠠⠠	limpo
		⠠⠠⠠⠠	latim		

b) Usados no princípio e no meio da palavra

⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	anjo	⠠⠠⠠⠠	canto
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	ensejo	⠠⠠⠠⠠	vento
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	amparo	⠠⠠⠠⠠	samba
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	excelso	⠠⠠⠠⠠	texto

c) Usado no princípio e no fim da palavra

⠠	⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠	antena
		⠠⠠⠠⠠	gigante

d) Usados no meio e no fim da palavra

⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	barra	⠠⠠⠠	luar
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	virtude	⠠⠠⠠	ruir
⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	porta	⠠⠠⠠	suor

e) Usado apenas no meio da palavra

⠠	⠠⠠	⠠⠠⠠	verde	⠠⠠⠠⠠	berro
---	----	-----	-------	------	-------

2. Sinais Compostos – ocupam duas celas braille e representam **grupos de letras** distribuídas por **mais de uma sílaba**.

Estes sinais correspondem a terminações muito freqüentes e são constituídos pela **letra inicial** do grupo que representam, precedida de um **elemento caracterizador** que é sempre da 7ª série.

O sinal ⠠ (4) indica o gênero **masculino**; o sinal ⠡ (5) indica o gênero **feminino**; os sinais ⠠⠠ (46) e ⠡⠠ (56) indicam, respectivamente, as terminações em **-dade** e em **-mente**.

Conforme a letra que indica o grupo representado, denominam-se:

2.1. De raiz consonântica – quando a primeira letra do grupo é uma **consoante**.

As tabelas a seguir apresentam os seguintes itens: sinais, grupo de letras e exemplos de aplicação:

⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	benéfico
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	magnífico
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	pacífica
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠	Benfica

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠

mágico

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

enérgico

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠

lógica

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

Bélgica

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

mecânico

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

técnico

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠

tônica

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

étnica

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠

lírico

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

burrico

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

teórica

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠

barrica

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

poético

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

cáustico

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

política

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠

ética

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

catálogo

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

diálogo

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

bióloga

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

análoga

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

momento

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

fermento

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

pimenta

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

tormenta

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

semente

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

fielmente

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠

cidade

⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠

⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

faculdade

2.2. De **raiz vocálica** – quando o grupo começa por uma **vogal**:

⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	operário
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠	aviário
		⠠⠠⠠⠠⠠	aquário
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	binária
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	pecuária
		⠠⠠⠠⠠⠠	agrária
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	minério
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	cemitério
		⠠⠠⠠⠠	sério
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	miséria
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	Pulquéria
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠	pilhéria
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	finório
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	oratório
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠	velório
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	notória
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠	vitória
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	divisória
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	Venâncio
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠	Amâncio
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	elegância
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	fragrância
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	silêncio
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	Juvêncio
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	agência
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠	ciência
		⠠⠠⠠⠠⠠⠠	demência

padre

padre

padre

padre

padre

padre

padre

padre

padre

padre

padeiro

faqueiro

pinheiro

maneira

poeira

fogueira

III – Abreviaturas Estenografadas

1. **Abreviaturas estenografadas** – são **sinais representativos de palavras** em cuja composição entra, pelo menos, **um sinal estenográfico simples**.

Como **abreviaturas** que são, inserem-se nos conceitos classificativos já expressos para as abreviaturas em geral, pelo que nos limitamos a referir as suas designações.

1.1. Abreviaturas por representação inicial silábica **total**:

1.1.1. Sinais Duplos:

⠠⠋	⠠⠋⠠⠋	filho
⠠⠋	⠠⠋⠠⠋⠠⠋	mulher
⠠⠋	⠠⠋⠠⠋⠠⠋⠠⠋	simples
⠠⠋	⠠⠋⠠⠋⠠⠋	grupo
⠠⠋	⠠⠋⠠⠋⠠⠋⠠⠋	braille

1.1.2. Sinais Triplos:

⠠⠋⠠⠋	⠠⠋⠠⠋⠠⠋⠠⠋	através
⠠⠋⠠⠋	⠠⠋⠠⠋⠠⠋⠠⠋⠠⠋	enquanto
⠠⠋⠠⠋	⠠⠋⠠⠋⠠⠋⠠⠋⠠⠋⠠⠋	produção
⠠⠋⠠⠋	⠠⠋⠠⠋⠠⠋⠠⠋	projeto
⠠⠋⠠⠋	⠠⠋⠠⠋⠠⠋⠠⠋	relação

1.2. Abreviaturas por representação inicial silábica **parcial**:

1.2.1. Sinais Duplos:

⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	certo
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	exemplo
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	condição
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	embora
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	princípio
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	produto
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	primeiro
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	trabalho

1.2.2. Sinais Triplos:

⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	certamente
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	certeza
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	experiência
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	propriedade

2. Abreviaturas por Contração

2.1. Abreviaturas por **Contração Apoiada**:

⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	principal
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	próprio

2.2. Abreviaturas por **Contração Pura**:

⠠⠠	⠠⠠⠠	lhe
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	outro
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠	entre

OBSERVAÇÕES GERAIS E NORMAS DE APLICAÇÃO

1. A prática da estenografia pressupõe o pleno domínio do Sistema Braille Grau 1 e da ortografia da língua em que ela se aplica.

2. O uso da estenografia é muito vantajoso, sobretudo pela economia de espaço e de tempo na escrita e na leitura. O seu uso não é obrigatório, sendo mesmo vedado quando a grafia das palavras que se deseja transcrever não é igual à daquelas que figuram nos quadros. Devem também ser evitadas situações que provoquem confusão ou hesitação na leitura, já que a rapidez e fluência desta devem, em muitos casos, sobrepor-se à economia de espaço. Além disso, para a transcrição em estenografia deve ainda considerar-se, não só a natureza dos textos, como também o grau de desenvolvimento intelectual ou cultural (e mesmo tátil) daqueles a quem se destinam.

3. Os sinais representativos de palavras – abreviaturas –, bem como os sinais representativos de grupos de letras – sinais estenográficos (simples e compostos) –, só devem ser usados de acordo com as situações indicadas nos respectivos quadros gerais constantes desta edição.

4. Os sinais inferiores só podem ser empregados em conjuntos em que haja, pelo menos, um sinal superior. Assim:

⠠⠠⠠ e não ⠠⠠
⠠⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠ e não ⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠
⠠⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠ e não ⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠

5. Em geral, os sinais representativos de palavras formam o seu feminino acrescentando-se **a**. Exemplos:

Singular	
Masc.	Fem.
⠠⠠	⠠⠠⠠
⠠⠠	⠠⠠⠠
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠

São exceções a esta regra as poucas abreviaturas que terminam em **o** ou **e**, quando uma destas letras é também a última letra da palavra que foi abreviada. Neste caso, **o** e **e** são substituídos por **a**. Exemplos:

Singular	
Masc.	Fem.
⠠⠠	⠠⠠⠠
⠠⠠	⠠⠠
⠠⠠	⠠⠠⠠
⠠⠠	⠠⠠
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠

6. O plural dos grupos representativos de palavras forma-se, em geral, com o acréscimo de **s**. Exemplos:

Singular	Plural
⠠⠠	⠠⠠⠠
⠠⠠	⠠⠠⠠
⠠⠠	⠠⠠⠠
⠠⠠	⠠⠠⠠
⠠⠠	⠠⠠⠠
⠠⠠	⠠⠠⠠
⠠⠠	⠠⠠⠠
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
⠠⠠	⠠⠠⠠

São exceções a esta regra geral as abreviaturas terminadas em **a**, **e**, **o**, quando estas letras são finais de palavras. Nestes casos, as letras **a**, **e**, **o** são substituídas, respectivamente, pelos plurais **as**, **es**, **os**. Excetuam-se ainda as abreviaturas terminadas em **l** final de palavra, cuja letra é substituída pelo sinal **al**. Exemplos:

Singular	Plural
as	as
es	es
os	os
al	al
as	as
es	es
os	os
al	al
as	as
es	es
os	os
al	al
as	as
es	es
os	os
al	al
as	as
es	es
os	os
al	al
as	as
es	es
os	os
al	al
as	as
es	es
os	os
al	al

7. O sinal estenográfico **al** (**re**) não se emprega depois de hífen. Assim:

al e não **al**

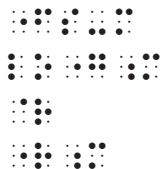
8. O grupo de letras **ex**, quando precedido de vogal ou usado como partícula autônoma, não deve ser estenografado. Assim:

9. Quando grupos de três letras de uma mesma sílaba podem ser estenografados de duas maneiras, em geral, estenografa-se o grupo formado pela segunda e terceira letras. Assim:

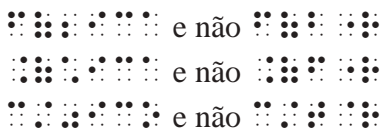
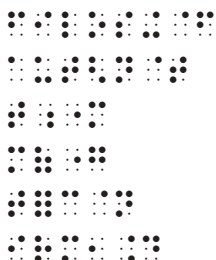
Excetuam-se abreviaturas como e

10. Um sinal braille não pode repetir-se imediatamente quando assume significados diferentes. Assim:

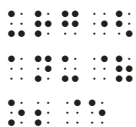
11. Os sinais compostos empregam-se principalmente no fim das palavras, mas podem ser seguidos de **s**, de hífen ou de outro sinal composto, bem como ser usados como palavras autônomas. Exemplos:



12. Os sinais compostos de raiz consonântica (grupo de letras abreviadas iniciado por uma consoante) sempre iniciam uma sílaba. Por esta razão, a vogal, consoante ou sinal estenográfico que os antecede pertencem sempre à sílaba anterior. Exemplos:



Os sinais compostos de raiz vocálica (grupo de letras abreviadas iniciado por uma vogal) podem ser precedidos de consoante ou sinal estenográfico simples consonântico que iniciam a sílaba, como também de vogal. Exemplos:



13. Em caso de translineação, deve ser evitado, no princípio da linha, o emprego de sinais estenográficos que não têm valor no início de palavra. Assim:

⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠ e não ⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠⠠⠠
 ⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠⠠ e não ⠠⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠
 ⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠ e não ⠠⠠⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠

14. Sempre que em um texto estenografado ocorra uma palavra com sinais aos quais se queira devolver o seu significado gráfico original, a palavra deve ser precedida dos pontos 56 e não conter qualquer sinal estenográfico. Esta norma é aplicável quando a palavra contém letras que poderiam ser interpretadas como sinais estenográficos. Exemplos:

⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠ (Ela fez a letra b.)
 ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
 ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
 ⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠ **são três consoantes.**

15. Não devem ser estenografados os nomes próprios pertencentes a idiomas estrangeiros. Exemplos:

⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
 ⠠⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
 ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
 ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

16. Na escrita por extenso são usadas abreviaturas formadas com o auxílio do ponto abreviativo (ponto 3), da mesma forma que ocorre na escrita em tinta. Como essas abreviaturas podem coexistir com a aplicação da estenografia braille, apresentamos a seguir uma lista das mais adotadas:

•••••	•••••	•••••	a.C.	antes de Cristo
••••	•••••	•••••	al.	alameda
•••••	•••••	•••••	apto.	apartamento
••••	•••••	•••••	art.	artigo
••••	•••••	•••••	av.	avenida
•••••	•••••	•••••	cia.	companhia
•••••	•••••	•••••	d.C.	depois de Cristo
••••	•••••	•••••	dr.	doutor
•••••	•••••	•••••	etc.	<i>et cetera</i>
••••	•••••	•••••	ex.	exemplo
•••••	•••••	•••••	Exmo.	Excelentíssimo
•••••	•••••	•••••	Ex. ^a	Excelência
•••••	•••••	•••••	Ltda.	Limitada
•••••	•••••	•••••	n.b.	note bem
••••	•••••	•••••	n.º	número
•••••	•••••	•••••	obs.	observação
••••	•••••	•••••	op.	<i>opus</i>
••••	•••••	•••••	p.	página
•••••	•••••	•••••	p.s.	<i>post scriptum</i>
•••••	•••••	•••••	par.	parágrafo
•••••	•••••	•••••	pça.	praça
•••••	•••••	•••••	prof.	professor
•••••	•••••	•••••	prof. ^a	professora
•••••	•••••	•••••	rev.	revista
••••	•••••	•••••	sr.	senhor
•••••	•••••	•••••	tel.	telefone
•••••	•••••	•••••	trav.	travessa
•••••	•••••	•••••	V. Ex. ^a	Vossa Excelência
•••••	•••••	•••••	V. S. ^a	Vossa Senhoria
•••••	•••••	•••••	vol.	volume

17. As palavras podem ser abreviadas independentemente da sua classe gramatical. Exemplos:

- abrevia bem (substantivo) e abrevia bem (advérbio)
- abrevia como (verbo) e abrevia como (conjunção)

QUADROS AUXILIARES DA ESCRITA (ORDEM ALFABÉTICA)

I – Abreviaturas

agora	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠
além	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
algum	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
aliás	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
amanhã	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
ante	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠
apenas	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
apesar	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
aquele	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
ária	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
as	⠠⠠	⠠⠠
atividade	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠
através	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
base	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
bem	⠠⠠⠠⠠	⠠⠠
braille	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
Brasil	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
cada	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
campo	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
capaz	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠

caso	⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
cego	⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
certamente	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑⠠⠑
certeza	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑⠠⠑
certo	⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
coisa	⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
com	⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
como	⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
condição	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
corpo	⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
de	⠠⠑	⠠⠑
depois	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
desde	⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
desejo	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
diferença	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑⠠⠑
diferente	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑⠠⠑
difícil	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
dificuldade	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑⠠⠑
diverso	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
durante	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
efeito	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
eira	⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
ele	⠠⠑	⠠⠑
embora	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑
enquanto	⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑	⠠⠑

entre	⠠⠑⠗⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑
especial	⠠⠑⠎⠑⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠎⠑⠞⠞⠑
especialmente	⠠⠑⠎⠑⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠎⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑
espécie	⠠⠑⠎⠑⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠎⠑⠞⠞⠑
este	⠠⠑⠎⠞⠑	⠠⠑⠎⠞⠑
evidência	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑
exemplo	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑
experiência	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑
fácil	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑
fato	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑
fica	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑
fico	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑
filho	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑
fim	⠠⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑
fora	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑
força	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑
forma	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑
formação	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑
fundamental	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑
governo	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑
grupo	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑
hoje	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑
homem	⠠⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑⠞⠞⠑	⠠⠑⠞⠞⠑

idéia	⠠⠢⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
imediatamente	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠
imediato	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
isto	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
já	⠠⠠⠠	⠠⠠
jamais	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
jovem	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
juízo	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
lado	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
lhe	⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
logo	⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
longo	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
lugar	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
maior	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠
matéria	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
material	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠
me	⠠⠠⠠	⠠⠠
melhor	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
menino	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
menor	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
menos	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
menta	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
mente	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
mento	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠

modo	⠠ ⠍ ⠔ ⠔ ⠠	⠠ ⠍ ⠔ ⠔
movimento	⠠ ⠍ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠	⠠ ⠍ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔
muito	⠠ ⠍ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔	⠠ ⠍ ⠔ ⠔
mulher	⠠ ⠍ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠	⠠ ⠍ ⠔ ⠔
nada	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠	⠠ ⠎ ⠔ ⠔
não	⠠ ⠎ ⠔ ⠔	⠠ ⠎ ⠔
natural	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔
natureza	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠
necessariamente	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠
necessário	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠
necessidade	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔
nenhum	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔
nica	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠	⠠ ⠎ ⠔ ⠔
nico	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠	⠠ ⠎ ⠔ ⠔
nosso	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔	⠠ ⠎ ⠔ ⠔
novo	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔	⠠ ⠎ ⠔ ⠔
numa	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔	⠠ ⠎ ⠔ ⠔
número	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔
nunca	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠	⠠ ⠎ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔
objetivo	⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠	⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠
objeto	⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔	⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔
observação	⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠	⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔
onde	⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔	⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔
ontem	⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔	⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔
opinião	⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔	⠠ ⠔ ⠔ ⠠ ⠔ ⠔

ordem	⠠ ⠣ ⠣ ⠠ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
os	⠠ ⠣	⠠ ⠣
ou	⠠ ⠣	⠠ ⠣
outro	⠠ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
palavra	⠠ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
papel	⠠ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
para	⠠ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
parte	⠠ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
pelo	⠠ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
pensamento	⠠ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣ ⠣
pequeno	⠠ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
ponto	⠠ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
por	⠠ ⠣	⠠ ⠣
porém	⠠ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
porque	⠠ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
portanto	⠠ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
Portugal	⠠ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣ ⠣
português	⠠ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
posição	⠠ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
possibilidade	⠠ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
possível	⠠ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
pouco	⠠ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
primeiro	⠠ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
principal	⠠ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
princípio	⠠ ⠣ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣
produção	⠠ ⠣ ⠣ ⠣	⠠ ⠣

produto	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠
projeto	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠ ⠠ ⠠
propriedade	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠ ⠠ ⠠
próprio	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠ ⠠ ⠠
qual	⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠
qualquer	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠
quando	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠
quantidade	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠ ⠠
quanto	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠
quase	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠
que	⠠ ⠠ ⠠	⠠
quem	⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠
quer	⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠
razão	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠
realidade	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠ ⠠
realização	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠ ⠠ ⠠
relação	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠ ⠠
respeito	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠ ⠠
rica	⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠
ricamente	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠ ⠠ ⠠
rico	⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠
se	⠠ ⠠ ⠠	⠠
século	⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠ ⠠	⠠ ⠠ ⠠

seguinte	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
segundo	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
sempre	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
senhor	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
sentido	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠
simples	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
sistema	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
sobretudo	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
sua	⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
sujeito	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
talvez	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
também	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
tanto	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
te	⠠⠠⠠	⠠⠠
tempo	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
todavia	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
todo	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
trabalho	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
tudo	⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
último	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
um	⠠⠠⠠	⠠⠠
valor	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠
vantagem	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠
verdade	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠

verdadeiro



vez



vida



visto



você



II - Estenografia

1. Sinais Simples

A tabela a seguir apresenta os seguintes itens: grupos de letras, sinais, posição em que o sinal pode ser adotado. O último item obedece à seguinte legenda:

p. princípio

m. meio

f. fim

a.c. antes de consoante

a.v. antes de vogal

a.c.v. antes de consoante e vogal

al	∴	p.m., a.c.; f.
am	∴	p.m., a.c.
an	∴	p.m., a.c.
ante	∴	p., a.c.v.; f.
ão	∴	m., a.c.; f.
ar	∴	m., a.c.; f.
as	∴	p.m., a.c.; f.
br	∴	p.m., a.v.
con	∴	p.m., a.c.
em	∴	p.m., a.c.; f.
en	∴	p.m., a.c.
er	∴	m., a.c.
es	∴	p.m., a.c.; f.
eu	∴	m., a.c.; f.
ex	∴	p.m., a.c.

fr	⠠⠢⠗	p.m., a.v.
gr	⠠⠢⠗	p.m., a.v.
im	⠠⠢⠢	p.m., a.c.; f.
ir	⠠⠢⠗	m., a.c.; f.
is	⠠⠢⠗	p.m., a.c.; f.
lh	⠠⠢⠢	m., a.v.
nh	⠠⠢⠢	m., a.v.
or	⠠⠢⠗	m., a.c.; f.
os	⠠⠢⠗	p.m., a.c.; f.
ou	⠠⠢⠢	p.m., a.c.; f.
pl	⠠⠢⠢	p.m., a.v.
pr	⠠⠢⠗	p.m., a.v.
qu	⠠⠢⠢	p.m., a.v.
re	⠠⠢⠗	p., a.c.v.
tr	⠠⠢⠗	p.m., a.v.

2. Sinais Compostos

Grupo de letras	Sinais
ância	⠠⠢⠠⠢⠠⠢⠠⠢
âncio	⠠⠢⠠⠢⠠⠢⠠⠢
ária	⠠⠢⠠⠢⠠⠢
ário	⠠⠢⠠⠢⠠⠢
dade	⠠⠢⠠⠢⠠⠢
eira	⠠⠢⠠⠢⠠⠢
eiro	⠠⠢⠠⠢⠠⠢
ência	⠠⠢⠠⠢⠠⠢

êncio	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
éria	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
ério	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
fica	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
fico	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
gica	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
gico	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
loga	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
logo	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
menta	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
mente	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
mento	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
nica	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
nico	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
ória	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
ório	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
rica	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
rico	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
tica	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠
tico	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

QUADROS AUXILIARES DA LEITURA (ORDEM BRAILLE)

I – Abreviaturas

⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	algum
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	apesar
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	apenas
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	aquele
⠠⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	atividade
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	além
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	aliás
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	amanhã
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	através
⠠	⠠⠠⠠	bem
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	base
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	Brasil
⠠	⠠⠠⠠	com
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	coisa
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	cada
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	cego
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	como
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	campo
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	corpo
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	caso
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	capaz
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠	certo
⠠⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	certamente
⠠⠠	⠠⠠⠠⠠⠠⠠	certeza

de
desde
difícil
dificuldade
diferença
diferente
desejo
depois
durante
diverso

de
desde
difícil
dificuldade
diferença
diferente
desejo
depois
durante
diverso

de
desde
difícil
dificuldade
diferença
diferente
desejo
depois
durante
diverso

espécie
especial
especialmente
este
efeito
evidência
exemplo

espécie
especial
especialmente
este
efeito
evidência
exemplo

espécie
especial
especialmente
este
efeito
evidência
exemplo

fim
fora
fácil
fundamental
filho
forma
formação
força
fato

fim
fora
fácil
fundamental
filho
forma
formação
força
fato

fim
fora
fácil
fundamental
filho
forma
formação
força
fato

agora
governo

agora
governo

agora
governo

l
h
o
j
e
h
o
m
e
n
o

lhe
hoje
homem

i
d
é
i
a
i
m
e
d
i
a
t
o
i
m
e
d
i
a
t
a
m
e
n
t
e
i
s
t
o

idéia
imediat
imediatamente
isto

j
á
j
a
m
a
i
s
j
o
v
e
m
j
u
í
z
o
e
l
e
l
a
d
o
l
o
n
g
o
l
u
g
a
r

já
jamais
jovem
juízo
ele
lado
longo
lugar

m
e
m
o
d
o
m
u
l
h
e
r
m
e
n
o
s
m
e
n
o
m
e
n
i
n
o
m
e
n
o
r
m
e
l
h
o
r
m
u
i
t
o
m
a
t
é
r
i
a
m
a
t
e
r
i
a
l
m
o
v
i
m
e
n
t
o

me
modo
mulher
menos
menino
menor
melhor
muito
matéria
material
movimento

⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	

não
nunca
necessidade
necessário
necessariamente
nada
numa
nenhum
número
nosso
natural
natureza
novo

⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	

observação
ordem
onde
objeto
objetivo
opinião
ontem

⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	
⠠	⠠	

por
palavra
possibilidade
pouco
parte
pelo
porém
papel
porque

pequeno
para
pensamento
ponto
português
Portugal
portanto
possível
posição

pequeno
para
pensamento
ponto
português
Portugal
portanto
possível
posição

pequeno
para
pensamento
ponto
português
Portugal
portanto
possível
posição

que
quando
qual
quem
qualquer
quer
quase
quanto
quantidade

que
quando
qual
quem
qualquer
quer
quase
quanto
quantidade

que
quando
qual
quem
qualquer
quer
quase
quanto
quantidade

maior
realidade
realização
respeito
razão

maior
realidade
realização
respeito
razão

maior
realidade
realização
respeito
razão

se
sua
século
segundo
seguinte

se
sua
século
segundo
seguinte

se
sua
século
segundo
seguinte

sujeito
sempre
senhor
sobretudo
sentido
sistema
simples

te
também
todo
todavia
tudo
tempo
tanto
talvez

um

vida
você
verdade
verdadeiro
valor
visto
vantagem
vez

experiência

os

os

os

os

os

os

os

os

os

os

os

os

os

⠠⠥⠞⠞⠊⠎

⠠⠥⠞⠞⠊⠎⠠⠑⠞⠞⠊⠎

último

⠠⠑

⠠⠑⠠⠑

as

⠠⠑⠞⠞⠊

⠠⠑⠞⠞⠊⠠⠑⠞⠞⠊

grupo

⠠⠑

⠠⠑

ou

⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

outro

⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑

ante

⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

braille

⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

condição

⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

embora

⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

entre

⠠⠑⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

enquanto

⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

princípio

⠠⠑⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

principal

⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

produto

⠠⠑⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

produção

⠠⠑⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

projeto

⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

primeiro

⠠⠑⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

propriedade

⠠⠑⠠⠑⠠⠑

⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑⠠⠑

próprio

trabalho

relação

trabalho

relação

trabalho

relação

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

trabalho

II – Estenografia

1. Sinais Simples

A tabela a seguir apresenta os seguintes itens: sinais, grupos de letras, posição em que o sinal pode ser adotado. O último item obedece à seguinte legenda:

p. princípio

m. meio

f. fim

a.c. antes de consoante

a.v. antes de vogal

a.c.v. antes de consoante e de vogal

⋮	lh	m., a.v.
⋮	al	p.m., a.c.; f.
⋮	qu	p.m., a.v.
⋮	ex	p.m., a.c.
⋮	os	p.m., a.c.; f.
⋮	is	p.m., a.c.; f.
⋮	fr	p.m., a.v.
⋮	as	p.m., a.c.; f.
⋮	es	p.m., a.c.; f.
⋮	pl	p.m., a.v.
⋮	gr	p.m., a.v.
⋮	ou	p.m., a.c.; f.
⋮	im	p.m., a.c.; f.
⋮	ante	p., a.c.v.; f.
⋮	an	p.m., a.c.
⋮	br	p.m., a.v.

⠠	con	p.m., a.c.
⠠	em	p.m., a.c.; f.
⠠	en	p.m., a.c.
⠠	pr	p.m., a.v.
⠠	nh	m., a.v.
⠠	er	m., a.c.
⠠	tr	p.m., a.v.
⠠	re	p., a.c.v.
⠠	am	p.m., a.c.
⠠	ão	m., a.c.; f.
⠠	ar	m., a.c.; f.
⠠	eu	m., a.c.; f.
⠠	ir	m., a.c.; f.
⠠	or	m., a.c.; f.

2. Sinais Compostos

Sinais	Grupo de letras
⠠⠠	dade
⠠⠠	eiro
⠠⠠	eira
⠠⠠	fico
⠠⠠	fica
⠠⠠	gico
⠠⠠	gica
⠠⠠	logo
⠠⠠	loga
⠠⠠	mento
⠠⠠	menta

⠠⠍⠑⠗⠞⠑	mente
⠠⠗⠊⠎⠊⠎	nico
⠠⠗⠊⠎⠊⠎	nica
⠠⠗⠊⠎⠊⠎	rico
⠠⠗⠊⠎⠊⠎	rica
⠠⠗⠊⠎⠊⠎	tico
⠠⠗⠊⠎⠊⠎	tica
⠠⠑⠗⠊⠗⠊⠗	ério
⠠⠑⠗⠊⠗⠊⠗	éria
⠠⠁⠗⠊⠗⠊⠗	ário
⠠⠁⠗⠊⠗⠊⠗	ária
⠠⠁̂⠗⠊⠗⠊⠗	âncio
⠠⠁̂⠗⠊⠗⠊⠗	ância
⠠⠁̂⠗⠊⠗⠊⠗	êncio
⠠⠁̂⠗⠊⠗⠊⠗	ência
⠠⠔⠗⠊⠗⠊⠗	ório
⠠⠔⠗⠊⠗⠊⠗	ória

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE E CASTRO, José Ferreira de. *Prontuário Estenográfico*. Santa Casa de Misericórdia do Porto, Porto, 1937.
- CENTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL/MEC, FUNDAÇÃO PARA O LIVRO DO CEGO NO BRASIL, INSTITUTO DE CEGOS “PADRE CHICO”. *Estudo para Simplificação do Sistema Braille Grau 2 da Língua Portuguesa*. São Paulo, 1979.
- CERQUEIRA, Jonir Bechara. *Abrevie Corretamente*. Instituto Benjamin Constant, Rio de Janeiro, 1989.
- COMISSÃO BRASILEIRA DO BRAILLE. *Grafia Braille para a Língua Portuguesa*. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, Brasília, 2002.
- COMISSÃO DE BRAILLE. *Estenografia Braille da Língua Portuguesa*. Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal/Secretariado Nacional de Reabilitação, Lisboa, 1993.
- COMISSÃO PARA ESTUDO E ATUALIZAÇÃO DO SISTEMA BRAILLE EM USO NO BRASIL. *Relatório de Trabalho*. Fundação Dorina Nowill para Cegos, São Paulo, 1994.
- MACKENZIE, Sir Clutha. *La Escritura Braille en el Mundo*. UNESCO, Paris, 1953.

